

O Francês na Terminologia Electrotecnica Portuguesa

The French in the Portuguese Electrothechnics Terminology

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

A língua francesa influenciou a língua portuguesa durante séculos. Com o advento da era industrial surgiram muitos termos novos, mas apesar da Inglaterra ter sido o berço dessa revolução foi sempre a França que mais motivou a **inovação terminológica** em Portugal. É claro, até à recente hegemonia mundial do inglês, que chega a afectar a própria língua francesa.

De facto, a **transferência da nomenclatura** gaulesa para os costumes lusitanos processou-se naturalmente por meio das trocas comerciais (de produtos e respectivas designações) e das frequentes relações humanas em sociedade (com Paris a ditar a moda, a culinária e os espectáculos), além da propensão essencial para os académicos estudarem francês e lerem as publicações editadas nesse idioma (sobretudo em ciências sociais e humanas, mas também nas técnicas e tecnologias).

Existem **razões históricas** para que até ao final da 2ª Grande Guerra as novidades impregnantes da vida portuguesa tenham sido importadas de França. A fala da bela língua de Voltaire, com a mesma raiz latina que a língua de Camões, enriqueceu os nossos meios de comunicação em múltiplos aspectos. A linguagem técnica não escapou a tal vivência.

Tantos são os exemplos dessa **assimilação linguística** que se torna desnecessário apontar casos concretos. No entanto, convém observar que a literalização dos termos francófonos em português nem sempre foi imediata, demorando um certo tempo a que as palavras escritas no nosso código ortográfico correspondessem às adaptações das falas. É o caso de "chofer" como aproximação vulgar de "chauffeur".

Uma situação que interessa evidenciar no âmbito electrotécnico diz res-

peito à evolução adaptativa da terminação de algumas **palavras femininas**, nomeadamente os substantivos terminados em "ette". Exemplifica o termo "camionnette", que começou por se degenerar em "camionete" antes de chegar à desinência normalizada da tonalidade feminina de "camioneta". Outras referências, já mais ou menos fora dessa degenerescência transitória, são "omeleta" na gastronomia e "maqueta" nas artes gráficas. Dentro da terminologia electrotécnica das novas tecnologias, devido à sua recente aparição, ainda se diz "cassete" e "disquete", quando a tendência é grafar e pronunciar "casseta" e "disqueta". Porque se espera tanto até se vulgarizar esta expressão final? Repare-se que hoje já não avançamos à velocidade da "bicicleta", e mesmo a actual tecnologia de "bicicleta" permite uma rapidez impressionante, em que os períodos de transição se reduzem a mínimos nunca atingidos nas épocas históricas de que há memória.

Na segunda metade do séculos XX a língua francesa perdeu notoriedade. O golpe decisivo foi dado pela informática. A tecnologia dos computadores, tanto no "hardware" como no "software", não se compadeceu com os arranjos de "ordinateur", quer em "materiel" ou em "logiciel". A **mundialização** dos negócios, exigindo a prática de uma língua comum a par da multiplicidade de formas locais de verbalização, acentuou o declínio da influência francófona na nomenclatura portuguesa.

Esta constatação não se limita aos novos termos. Acontece também a **substituição** de alguns vocábulos herdados do passado por outros mais próximos do léxico inglês. É o caso de "controlo" com o significado geral de comando ou/e regulação. A penetração desta onda mediática faz-se sentir na própria lín-

gua francesa, aparecendo agora obras literárias com esse esforço de mudança, na verdade bastante difícil de levar a bom fim, mas em que as novas gerações insistem, sob a preocupação de não perderem o comboio (ou o trem?) da civilização sistémica do planeta Terra (e mais além no cosmos?).

Amedontrado, o governo de França legislou contra a utilização de **estranheirismos** na escrita, procurando travar a obsessão pela mistura do inglês no francês. As reacções a este propósito, porém, subiram a tal ponto que o discurso oficial acabou por dizer recentemente o dito por não dito. E o reconhecimento da língua inglesa como paradigma universal não deixa de crescer.

A estratégia das línguas locais, para que se mantenham vivas e continuem a identificar culturas diferenciadas nos inter-relacionamentos culturais do mundo, deve assentar no **princípio da convivência**. O futuro será caracterizado por sociedades que respiram pelas suas línguas nativas e comem pela utilização da língua inglesa. Daí irá obviamente decorrer a influência de cada língua particular no próprio inglês, sobretudo nas instâncias internacionais. E assim se preservará a dinâmica da evolução de todas as formas de expressão.

Compreende-se então que o francês não revele o poder, irreversivelmente perdido, de impor neologismos. Mas como língua latina poderá angariar apoios no português para propostas a nível global de vocábulos novos. A **universalização da comunicação**, se for bem gerida, beneficia o enriquecimento da língua portuguesa e a sua valorização no mundo. Por isso, o domínio da língua francesa ainda é e será uma base de sustentação da língua portuguesa. Mesmo no âmbito da terminologia electrotécnica. ■

Colabore nesta revista com artigos técnicos e notícias